



A voz articulada pelo coração - Meran Vargens

Por José Batista (Zebba) Dal Farra Martins¹

“O ator é um laboratório de experiências humanas.” A resposta de Meran Vargens² à pergunta “o que é o ator?” Lastreia os caminhos que o seu livro *A voz articulada pelo coração*, convidam a palmilhar. Pois trata-se de um relato de experiências da professora, da aprendiz, da diretora e, acima e abaixo de tudo, da atriz – a substância do teatro, talvez a medula do mundo que Meran quer tocar. A frase, dita aos 19 anos, no seu primeiro curso de teatro, profetiza o processo de pesquisa que gerou o livro, no qual as experiências encontram uma escrita fluente e sincera: somos conduzidos por um narrador ora distanciado e calculista, ora envolvido e meditativo. O objeto do livro é a voz, não como conhecimento construído de modo isolado, mas em conexão com o corpo, a interpretação, a dramaturgia e a encenação, ou seja, a voz refratada no espectro do fazer teatral. Nesta perspectiva, *A voz articulada pelo coração* deve ser saudada como expressiva contribuição aos estudos teatrais brasileiros.

Na primeira parte do livro, *Das Divagações*, define-se um vocabulário necessário para a enunciação dos princípios que aparecerão percurso afora. *A voz articulada pelo coração* é um livro de experiências que geram princípios para uma pedagogia e uma poética da voz para o ator. De um léxico amplo sobre o tema, Meran pinça um glossário de trinta e nove vocábulos, dentre eles: a *imagem* – corporificada, “torna-se arquitetonicamente um ponto acústico de ressonância” para a voz (VARGENS, 2013, p. 29); a *atmosfera* – “principal responsável pela qualidade da aprendizagem” (VARGENS, 2013, p. 38); o *silêncio* - “irmão da pausa e filho do vazio” (VARGENS,

¹ Professor de Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

² Atriz, diretora, coreógrafa e educadora. Mestre em Teatro pela Goldsmiths College University of London, doutora em Artes Cênicas pelo PPGAC-UFBA, com pós-doutorado pelo Instituto de Artes da Unicamp. Professora da Escola de Teatro da UFBA nas disciplinas de Expressão Vocal, Improvisação e Interpretação Teatral. Criou, dirigiu e encenou os espetáculos Extraordinárias Maneiras de Amar, Qualquer Coisa a Gente Inventou e Bróder – Uma Odisséia Fantástica. Dirigiu as montagens Amnesia – Uma Busca Intencional Pela Lembrança, Viva o Povo Brasileiro, A Hora da Estrela e Seu Bonfim. Desde 1998, é diretora e coordenadora da companhia Os Bobos da Corte.

2013, p. 42). O referencial teórico se revela em um relato da organização de sua biblioteca. Entramos com Meran na sala em que fica sua estante de trabalho. O fluxo da arrumação dos livros deslinda o trajeto teórico, por meio de relatos vivos de experiências da aprendiz em contato com Klauss Vianna, Kristin Linklater e Enrique Pardo. No centro da estante, Grotowski, com Stanislávski à direita e Artaud à esquerda: Meran comunga com “os três mestres que têm o ator como instrumento máximo/eixo/ fundamental da linguagem teatral” (VARGENS, 2013, p. 45) a meta de buscar condições para que o ator atinja a verdade cênica.

Das Considerações, a segunda parte do livro, é o campo de formulação de três princípios cardeais da proposta metodológica. O primeiro (VARGENS, 2013, p. 69) preconiza que a voz resulta de uma série de circunstâncias sociais e culturais, além de ser extremamente suscetível às condições relacionais do momento: com quem se fala. O segundo princípio (VARGENS, 2013, p. 79) reza que voz e fala têm um endereço: é tarefa do ator adivinhar, descobrir, escolher e definir a quem se dirige. No terceiro princípio, Meran firma o compromisso pedagógico com a formação de um artista. Trata-se de “proporcionar ao ator a oportunidade de acessar-se, desvendar-se, humanizar-se, socializar-se, comunicar-se, escolher, elaborar, responder por suas escolhas” (VARGENS, 2013, p. 116), tendo como horizonte uma perspectiva artística, para além da técnica e da terapêutica. Outros princípios que aparecerão no curso do livro reforçam esta tríade, que sustenta a concepção do espetáculo *Trilogia Baiana*, objeto da terceira parte do trabalho.

Na descrição e reflexão sobre os processos da montagem e temporada da *Trilogia Baiana*, revela-se com clareza o núcleo da poética de Meran Vargens. A proposta feita a todos os atores de criar e sustentar um solo de dez minutos, além de constituir-se no eixo estratégico da dramaturgia e da encenação, suscita um punhado de questões sobre a interpretação, cuja problematização Meran Vargens conduz e relata, com pulso ao mesmo tempo firme e delicado. É notável sua escuta dirigida especialmente para cada ator, a desatar nós, enfrentando o terreno movediço do desconhecido, que contudo fertiliza o risco e a experiência. Das interessantes considerações sobre o percurso da encenação – desde a sensível relação entre dramaturgia e direção, o papel da música e os limites da técnica, até as dificuldades com a produção – salta uma figura que aparece pelo desaparecimento. No relato, Meran Vargens manifesta a rara qualidade de agregar artistas em torno de uma obra inexis-

tente, que só adquire forma no calor afinado dos processos. O diretor tem que ser capaz de fabricar afinidades.

Estar em experiência significa expor-se ao risco de estar suspenso entre duas batidas do coração. Sobre este silêncio suspenso, a filósofa malaguenha María Zambrano (2004, p.3) diz em seu livro *Los bienaventurados*:

Entre duas pulsações do coração, é neste vazio, neste silêncio que se situa a esperança. Pois que há uma esperança que nada espera, que se alimenta de sua própria incerteza: a esperança criadora; a que extrai do vazio, da adversidade, da oposição, sua própria força sem por isso opor-se a nada, sem embalar-se em nenhuma classe de guerra. É a esperança que cria suspensão sobre a realidade sem desconhecê-la, a que faz surgir a realidade ainda não havida, a palavra não dita: a esperança reveladora.

Em A voz articulada pelo coração, um coração inquieto e insinuante espera.

Referências

VARGENS, Meran. **A voz articulada pelo coração**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ZAMBRANO, María. **Los bienaventurados**. Madrid: Siruela, 2004.

Recebido em 17/03/2014

Aprovado em 30/04/2014

Publicado em 25/06/2014